25A / FORTALEZA—CE
DOMINGO, 04/JULHO/1993 O POVO/CIDADES

Índios Tremembés inauguram sede da Associação

A comunidade indigena de capim-Açu inaugurou no último dia 26, a sede da primeira Associação dos Índios Tremembés. Construída em regime de mutirão, a entidade nasceu do encontro de duas comunidades, que resolveram se unir pelo fortelecimento dos Tremembés. Segundo a Presidenta da entidade, Maria Rita, a criação da Associação foi um teste para provar que a alma tremembé não morreu e que um povo organizado tem mais força.

Durante a solenidade de posse, o índio José Amarildo dos Santos, primeiro fiscal da entidade lembrou que agora mais do que nunca é importante que a comunidade continue unida, pois só assim, poderá buscar o apoio das autoridades competentes. Ele diz que o dever da associação é denunciar, cobrar, reivindicar e se associar a outras comunidades para fazer valer os direitos como cidadão. O patriarca José Augustinho foi quem começou a luta, visitando as famílias, pedindo conselhos e oferecendo ajuda.

Os integrantes da Associação estão recebendo o apoio das comunidades de Quatro Varas, do Alagadiço e da Universidade Federal do Ceará.

Luta pela posse da terra ameaça índios

Almofala, no distrito de Itarema, está novamente em pé de guerra. Os brancos, que nos anos 70 massacraram os Tremembés para ocuparem suas terras para o plantio do côco e criação de gado, fazem novas ameaças. A missionária indígena irmã Maria Amélia Leite teme que a luta dos índios pela demarcação dos 4.900 hectares reinicie os homicídios contra os Tremembés.

Ela diz que no último domingo o cacique da nação Tremembé, Vicente Viana, foi ameaçado com um revólver pelo comerciante conhecido por Pitanga. Segundo Maria Amélia, o comerciante estaria revoltado com o cacique devido à divulgação da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas no Ceará — "Terra Demarcada — Vida Garantida", em Fortaleza.

A luta pela posse da terra entre brancos e índios em Almofala ficou mais acirrada com a proximidade do prazo limite para a demarcação da reserva indígena, cinco de outubro deste ano. A afirmação é de Maria Amélia.

No entanto, a posse de uma légua e meia está assegurada aos Tremembés, em documento datado de 27 de fevereiro de 1857 e registrado no cartório de Barra do Acaraú, a 18 de março de 1857, pelo vigário Antônio Xavier de Castro e Silva. A doação foi de sua Majestade para "residência e subsistência dos índios de Almofala". A doação é oriunda da chamada Lei das Terras de 1857, a qual tentava reparar o mal que a Coroa causara aos índios, que dispunham até então de 70 léguas. Agora com a identificação dos 4.900 hectares pela Funai, os índios só precisam da publicação do despacho da Presidência da Funai e da portaria Ministerial que concretiza oficialmente a demarcação das terras dos Tremembés em Almofala.

Segundo o Diretor regional da Funai em João Pessoa, Marcos Clemente, a reserva indígena com quase cinco mil hectares começará no pátio da igreja de Nossa Senhora da Conceição e irá em direção à praia. A matriz, com 280 anos de construção e tombada pelo patrimônio histórico e artístico nacional, poderá ficar na área indígena. O cemitério também estará incluído na reserva. Com a oficialização da demarcação das terras da nação Tremembé, os índios terão a posse da área indígena, mas a propriedade será da União.

Associação pede sindicância

Representantes da Associação Comunitária de Almofala, que fica a 12 Km de Itarema, Município desmembrado de Acaraú, pedem às autoridades competentes a abertura de uma sindicância sobre a demarcação da reserva indígena dos Tremembé. "Pedimos a instalação de uma sindicância para verificar quantos índios existem por lá. Aliás, nem índios eles são, mas mestiços", afirma Sílvia Gomes do Nascimento, presidente da Associação.

A demarcação dos 4.900 hectares da reserva deve ser feita até o dia cinco de outubro, como determina o Governo Federal. "Com essa história de reserva indígena, muita gente agora quer virar índio para garantir um pedaço de terra", afirma Vera Andrade, agente de saúde e moradora do distrito. "Os índios se dizem donos das terras, mas elas foram compradas. Existem documentos que comprovam isso. Os atuais proprietários nasceram em Almofala, se criaram por lá e recebem essas terras por herança", diz.

Segundo Francisco das Chagas de Souza, membro da Associação, o distrito de Almofala está loteado desde 1856 e "todo mundo já tinha documento de posse". Ele diz que mais de quatrocentas famílias de Almofala serão prejudicadas e ficarão sem ter para onde ir. Por isso, comissões da Associação estão mantendo contato com o governador Ciro Gomes e o Ministro da Justiça, Maurício Correia, no sentido de evitar a demarcação das terras.

FRASES DA SEMANA

"Crescimento com inflação é melhor do que inflação com recessão." **Cândido Couto Filho**, Presidente do Sindicato das Indústrias de Curtume do Ceará, sobre o plano econômico do Governo Federal, dia 28.

Dizer que a inflação vai baixar e quando isso vai acontecer é chute." Dorotéia Werneck, sobre plano econômico do Governo Federal, dia 28.

"Quando o serviço público deixa de ser bem público, universal, vira objeto de transação. Adquire valor de mercado. Por isso a política virou canal alternativo ao mercado para acumular riqueza." **Wanderley Guilherme dos Santos**, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dia 28.

"Isso é um sonho ingênuo dos opositores de ambos." **Amarílio Macedo**, empresário, sobre a possibilidade de ruptura entre Ciro Gomes e Tasso Jereissati, dia 29.

"A modificação da TR é inodora, sem gosto e sem cor." **Beth Kuhn**, Superintendente do BMC em Fortaleza, dia 29.

"Colocar seguranças aqui dentro é tão ruim como colocar uma tropa de choque. Nós não precisamos disso." **Estudante secundarista**, sobre presença de seguranças na sede da UMES, dia 26.

"Você centralizar os recursos em nível municipal é colocar a raposa tomando conta do galinheiro". **Jackson Pereira**, deputado federal, PSDB, sobre proposta de municipalização da fiscalização do INAMPS, dia 26.

"A pesca ainda é possível, mas a caça o homem branco já não deixa mais." **Vicente Viana Damasceno**, cacique da tribo tremembé, dia 26.

"Mas que hora infeliz ele foi escolher para morrer, heim?" **Fernando Collor de Mello**, ao saber que seu pai estava morrendo, trecho do livro "Passando a Limpo", de Pedro Collor de Mello, dia 28.

CARTAS/LEITOR

Por que não chove?

Sr. Editor: Abstraindo-se todos os palpites divulgados pelos meteorologistas da Funceme, e também a existência do tal Niño no Oceano Pacífico, tenho o direito de manifestar seu testemunho pessoal. Assisti aqui em Fortaleza os grandese invernos, quando a cidadezinha de 50 mil habitantes não possuia asfalto, e os subúrbios eram arborizados, com grande número de lagoas e riachos perenes, entre os quais o Pajeú, correndo nos sítios e quintais. Em 1948, vim morar no bairro então chamado João Lopes, hoje Bairro Ellery. Perto, havia a estação Floresta, na verdade construída no meio da mata. Construi a casinha, libertando-me dos alugueres. Ao redor, vicejava o cajueiro, o freijó, a aroeira, o marmeleiro, o cipó de fogo, a salsa, a urtiga, o gengibre, o matapasto, o pinhão. O solo era todo revestido de ervas anuais, que propiciam a fertilidade natural. A fauna subordinada à flora, constituia-se de várias espécies: cassaco, preá, tejuassu, camaleão, morcego, galo de campina, bentevi, canário, sanhassu, vem-vem, beija-flor, etc etc. As vespas, os maribondos, as borboletas, todos os insetos voláteis, contribuiam para a fecundação das plantas dióicas. Tudo isto desapareceu. Hoje, não se ouve nem o trilo de um grilo, nem o coaxar de uma perereca. No começo do ano, o céu nublado começava a mostrar os nimbus. A atmosfera se modificava, por causa da temperatura baixa, efeito da transpiração vegetal. Então, ouvia-se o ribombo do trovão, o fuzilar do relâmpago, e as grandes chuvas caiam, infiltrando-se no subsolo, por intermédio das raizes. O urbanismo desplanificado trouxe o fantasma anual da seca, hoje industrializada para a vinda de verbas federais. O problema secular do Nordeste pode ser resolvido: reflorestamento, diversificação das culturas, prioridade para as árvores nativas resistentes aos verões prolongados. Nada adianta implorar a S. Pedro, ou São José, a abertura das torneiras do céu. Só os ecologistas podem apresentar a solução radical: proteção à Mãe-Natureza e reforma da atividade industrial que polui o céu, o solo e os pulmões das criaturas.

O Povo. 25/08/93

O massacre dos Índios Ianomanis choca o Brasil e a opinião pública internacional, suscitando protestos que se avolumam na Chancelaria brasileira. Todos se indagam como é possível o ser humano chegar a tais níveis de violência, numa sociedade que guarda de si a imagem do pacifismo difundida por seus aparelhos ideológicos. O POVO foi buscar dois especialistas

*para tratar do assunto. O psiquiatra **Adalberto Barreto** diz que admitir hoje a existência dos índios é admitir uma corresponsabilidade pelas atrocidades feitas em nome do progresso. Já o sociólogo e escritor **José Cordeiro** o massacre é resultado de uma campanha antiindígena, de olho na revisão constitucional.*

É tempo de caça aos índios

ADALBERTO BARRETO
PSIQUIATRA

Recomeça a caça aos índios. Em Roraima, garimpeiros assassinam cruelmente índios Ianomâmis. A violência do crime chega a degolar crianças e a rasgar o ventre das mães, para arrancar-lhes o feto em vida. Homens, na ânsia de possuir minerais que a terra esconde, terminam por devastar e aniquilar a riqueza de seres animados que dela tiram seu sustento. Nas terras ianomâmis, índios são degolados, nas terras do Ceará, Tapebas e Tremembés são considerados como fantasmas inexistentes e políticos da região estão pressionando o Ministro da Justiça contra a demarcação de suas terras.

O grande problema é que não existe índio sem terra. Ser índio é pertencer a uma tribo, é estar fixo a uma terra fértil. Para ele, a posse da terra sempre foi algo de concreto. Índio sem terra é como aranha sem teia. Não dá para viver. A casa dos antepassados vale como escritura e legitima a posse. Para os caçadores de índio o que legitima a posse da terra, quando não é a violência das armas assassinas, é um papel com carimbos dos que crêem ter legitimidade para deliberar.

É compreensível que os aniquiladores de índios sejam aqueles que não podem admitir sua existência, por estar colada à terra cobiçada. Admitir sua existência é admitir um direito anterior à sua chegada como novos donos de velhas terras. Para estes novos colonizadores, índio é coisa do passado. E de um passado onde vida de índio não valia nada, não constituía notícia de jornal e nem tinha a simpatia da sociedade. Admitir a existência de índios hoje é admitir que ainda somos iguais aos nosso bisavós, é admitir uma corresponsabilidade pelas atrocidades feitas em nome do progresso e da civilização, é ter que admitir sermos os legítimos continuadores dos bandeirantes e garimpeiros de ouro e índio do Brasil colonial. Respondem alguns: — Ah! isso não. Aceitar que ainda temos índios no Ceará, é correr um risco grande de vermos os verdadeiros donos da terra, reclamarem seus direitos, e termos nossos projetos de exploração da terra arquivados. Ah! isso é inadimissível, acrescentam outros: Tem que ser feito algo para proteger o patrimônio dos homens de bens contra esta corja de analfabetos. Mas que arma utilizar? Basta despertar velhos mitos contados por nossos colonizadores: "os ianomâmis comem banana com carne humana" e todos vão desprezá-los. Lá onde tem gente reclamando o direito de ser índio, basta perguntar pelas penas, pelo arco e a flecha, e todos vão rir...

Se a indignação de muitos destes caçadores é não ver extinta esta raça que resiste a toda sorte de cilada, a minha admiração é pela capacidade de resistência destes povos perseguidos. Os tremembés de Almofala e Capim-Açu, e os tapebas de Caucaia souberam através de suas crenças e tradições como a dança do torem e do toré manter vivo uma identidade tão combatida através dos tempos. Continuem firmes, meus irmãos. Só se sacode pedras em cajueiro que tem frutos.

Senhores caçadores de índios, saibam que o índio não foi extinto. Ele tem sete vidas. Quando não o identificamos em suas aldeias, é porque ele dorme em cada um de nós. E se não o identificamos em lugar nenhum é porque talvez façamos parte daqueles que costumam dizimá-los.

Adalberto Barreto — Psiquiatra e Antropólogo, professor da UFC e diretor do Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária.

POLÍTICA

Fernando Maia

PRIMEIRO PLANO

••• Atenção, prefeitos convocados para a assinatura de convênios com o ministro Murílio Hingel, da Educação. A solenidade, que seria às 11 horas, foi antecipada para as 9 horas, no Auditório da UFC.

••• O que poucos sabem: a recuperação do trecho rodoviário do Tabapuá até Caucaia deve-se a iniciativa do deputado Carlos Benevides, que conseguiu os recursos necessários à obra.

••• Deputado Edilson Veras, que era arredio ao Cambeba, estará hoje, ao lado de Ciro Gomes, na inauguração da adutora de Chaval, conseguida pelo seu adversário Chico Aguiar.

••• Teodorico Menezes não está preocupado com as críticas a sua proposta de redistribuição do ICMS. Diz que tem o apoio necessário para a sua reeleição e quer fazer o melhor pelo Ceará.

••• Chico César, ex-prefeito de Horizonte, foi à solenidade de cidadania a Jaks Rabinovitch e lamentou não ter sido o seu município o escolhido para a implantação de uma nova unidade têxtil da Vicunha.

••• Amanhã, mais uma pesquisa DataFolha dos candidatos à Presidência da República. Com muitas novidades.

••• Deputado Stênio Rios convocou o Presidente da Funai, Cláudio Romero, para discutir a questão da comunidade de Almofala, em Itarema.

••• Rios acha que tem que ser encontrada uma solução compatível para o problema dos índios tremembés, no seu município.

••• Em Quixeramobim, hoje, o deputado Carlos Benevides recebe o título de Cidadão do Município. Pelo muito que tem feito pela comunidade.

••• Ciro Gomes passa o final de semana dando atenção ao Ministro da Ação Social, Jutahy Magalhães, que ontem visitou o canal.